

EXPOGRAFIA

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino
Museóloga e Doutora em Educação pela UFPel;
professora do curso de Museologia da UFRGS

1 Exposição como meio de comunicação

Quando pensamos em expografia, a primeira palavra que nos vem à mente é exposição. Afinal, expografia significa a forma da exposição, a qual deve considerar todos os aspectos teórico-metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização de uma proposta espacial e visual de extroversão do conhecimento (CURY, 2005). Logo, é fundamental compreender qual o papel desse meio de difusão, que faz parte do cotidiano de diversas instituições culturais.

As exposições são importantes meios de comunicação e suporte de informação científica, com diferentes objetivos e finalidades (BLANCO, 2009). Quando elaboradas por instituições com fins culturais, como, por exemplo, museus, bibliotecas, arquivos e centros culturais, elas se constituem como importantes ferramentas de divulgação científica, espaços de troca e aprendizado, além de proporcionar um ambiente específico de encontro e socialização.

No campo dos museus e da Museologia, as exposições são consideradas como uma das principais formas de comunicação/diálogo com o público. Por meio delas é possível propor uma composição cujos elementos encontram-se organizados em um determinado espaço, harmonicamente elaborados para permitir que sejam lidas e interpretadas mensagens/discursos/narrativas, com fins culturais (CURY, 2005). Além disso, cabe salientar que o processo curatorial de conceber, planejar e realizar uma exposição é permeado de escolhas, seleções e intencionalidades. Segundo a museóloga Waldisa Guarnieri, a exposição “[...] diz, afirma, informa, comunica, registra, questiona. Uma

exposição estabelece e subverte” (GUARNIERI, 1986 apud BRUNO, 2010, p. 139).

A exposição como suporte de informação é capaz de ser um lugar de produção de diferentes significados, um espaço de difusão da Ciência, bem como de produção de reflexões sistemáticas sobre problemas sociais, culturais, ecológicos, entre outros, que fazem parte da nossa realidade (BLANCO, 2009).

Como um dispositivo social, a exposição é capaz de produzir discursos próprios, sendo considerado por Jean Davallon (2010) como um dispositivo espacial de mediação e/ou como um dispositivo de comunicação social. Logo, a exposição é capaz de lançar propostas, provocações, direções, questionamentos, encaminhamentos, novos conhecimentos, novas releituras ao público, sendo uma experiência única para cada visitante.

Para se constituir como um espaço de socialização, um espaço de encontro, a exposição deve refletir sobre a qualidade da experiência do público durante a visita, identificando e conhecendo as motivações e os diferentes níveis de conhecimento dos visitantes. Desse modo, será possível elaborar um ambiente inclusivo e acessível, que contemple uma diversidade de modos, suportes e estratégias expográficas de comunicação (Figura 1).

Figura 1 - Exposição itinerante do Museu do Futebol no CCBB/RJ (2018)



Fonte: Acervo particular da autora (2018).

A fim de conduzir com clareza o processo de concepção, planejamento e execução de uma exposição, são necessários momentos de reflexão, avaliação e diálogo institucional e multidisciplinar, etapas que auxiliam na formulação dos objetivos da exposição, com base em algumas questões apontadas como cruciais (Quadro 1):

Quadro 1 - Questões cruciais para a elaboração de uma exposição

Questões	Definições
Quem emite?	Definir/conhecer a missão da instituição, ou seja, quem está emitindo a ideia/a mensagem que estará na exposição
O quê?	Definir o tema que será abordado
Para quem?	Para quem será apresentada a exposição, ou seja, preciso conhecer/identificar quem é meu público-alvo
Por quê?	Definir qual a relevância da temática abordada na exposição
Como emite?	Definir de que forma será emitida essa mensagem, por meio dos vários elementos que compõem o que denominamos por expografia

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de BLANCO (2009) e CURY (2005).

A partir desse movimento de revisões e definições iniciais, o qual deve ser coletivo e dialógico, será possível estabelecer os caminhos para a concretização e materialização das ideias. Nessa mesma linha, é significativo conhecer e definir os pontos mais delicados do processo, que, segundo Marília Xavier Cury (2005), são:

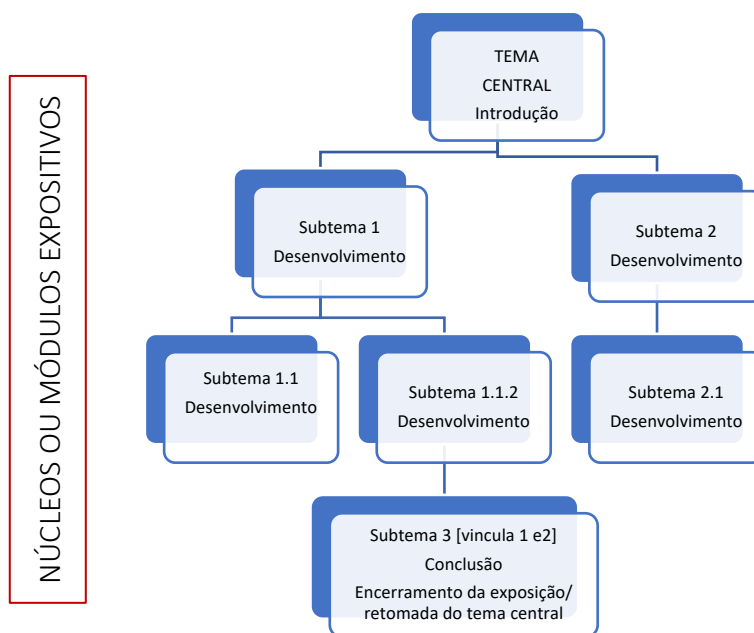
- a) Escolha do tema e sua aproximação com o público-alvo;
- b) Seleção e articulação dos objetos na construção do discurso expositivo;
- c) Concepção espacial;
- d) Concepção conteúdo e forma.

Nessa perspectiva, para determinar esses pontos, é fundamental conhecer os diversos elementos que podem compor a forma da exposição, ou seja, sua expografia.

2 A materialização da ideia: pensando a expografia

Os componentes que integram a forma da exposição, denominados elementos ou recursos expográficos, são diversos: espaço expositivo, textos, legendas, imagens, cenários, mobiliário, sons, vídeos, texturas, cheiros, luz, cores, temperatura, objetos autênticos (acervo institucional) e objetos substitutos (réplicas, cópias) (CURY, 2005; DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). A escolha desses elementos deve estar diretamente vinculada ao conteúdo da exposição, pois é ele que hierarquiza as informações em um determinado espaço. Nesse caso, elaborar um guia conceitual (Figura 2), que organiza o conteúdo da exposição em núcleos/módulos expositivos, auxilia na delimitação do circuito e na lógica discursiva da exposição, que deve ser organizada com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Figura 2 - Modelo de guia conceitual de uma exposição



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

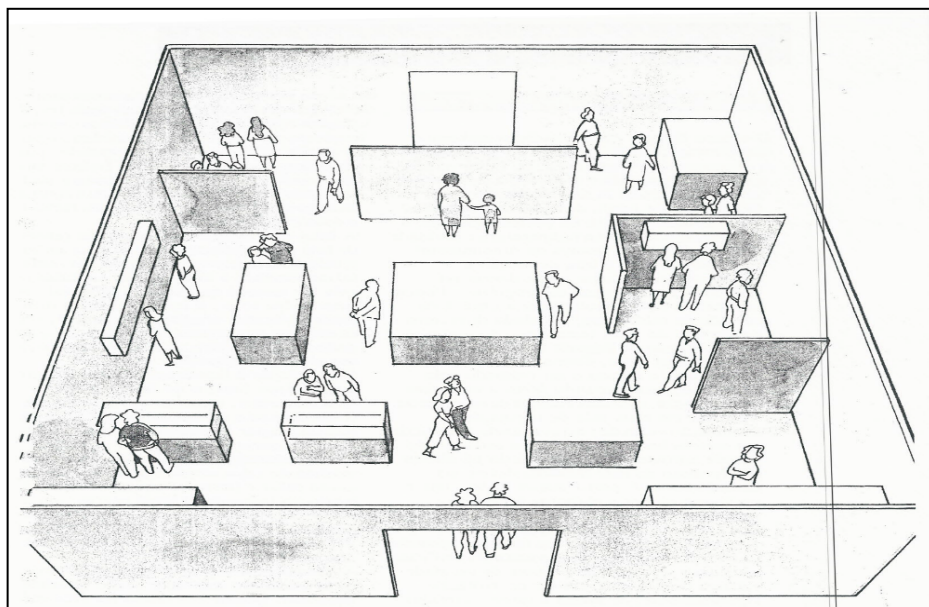
A articulação dos elementos expográficos em cada um dos núcleos é responsável por estruturar uma narrativa que visa organizar uma lógica discursiva sobre a temática, considerando-a como um sistema textual ou unidade total de comunicação (BLANCO, 2009). Essa estrutura conceitual e

expográfica permite criar um ambiente multissensorial¹, capaz de propor uma experiência imersiva e questionadora ao público, que tenha como fio condutor uma determinada temática.

As exposições são concebidas com vistas à experiência do público. Exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (ênfase temático e desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual), associados a outras estratégias que, juntas, revestem a exposição de qualidades sensoriais. (CURY, 2005, p. 42)

Nessa perspectiva, a fim de garantir um equilíbrio e uma boa apresentação da exposição, é necessário refletir sobre alguns elementos expográficos considerados essenciais. O espaço expositivo (Figura 3), por exemplo, irá condicionar e definir a realidade da exposição e a experiência do público, influenciando na disposição e percepção dos demais elementos, bem como na circulação e no ritmo (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2012).

Figura 3 - Ilustração de espaço expositivo



Fonte: D'ALAMBERT; MONTEIRO, 1990, p. 59.

¹ Uma exposição multissensorial deve propor a percepção e a interação do visitante por meio dos diferentes sentidos, para além dos estímulos visuais característicos de uma exposição.

É importante selecionar um espaço que permita o bem estar do visitante, a liberdade de movimentação e que seja acessível, compreendendo acessibilidade² na exposição de forma ampla, o que significa “[...] adaptar o espaço tanto do ponto de vista físico quanto intelectual, possibilitando que o visitante possa acessar a todos os objetos da exposição e aos materiais informativos e de entretenimento” (FERNÁNDEZ, FERNÁNDEZ, 2012, p. 99-100).

Cabe salientar que a organização do espaço expositivo considera diferentes elementos, sendo que um dos mais importantes é a apresentação dos objetos, que podem pertencer ao acervo da instituição e/ou a outras instituições parceiras. Desse modo, é fundamental refletir acerca da composição plástica da exposição, ou seja, buscar equilíbrio e harmonia de todos os elementos expográficos que integram o ambiente.

Na composição temos que levar em conta a cor, a textura, as formas e tamanhos, a direcionalidade, o contraste, a profundidade, a ilusão plástica, etc. Em suma, o objetivo é conseguir ordem e clareza para a boa percepção e contemplação, o que resulta na boa recepção da mensagem. (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2012, p. 174)

O mobiliário da exposição, composto por painéis, vitrines, plataformas, cubos, pedestais, etc., também deve ser acessível em suas dimensões, principalmente no que diz respeito à altura, primando pela neutralidade, funcionalidade, conservação³ do acervo, segurança dos objetos expostos e do público, e pela sustentabilidade (reaproveitamento) (Figura 4).

² Sobre acessibilidade em museus e instituições culturais, sugiro a leitura dos seguintes textos: CORREA, Celina Maria Britto; MICHELON, Francisca Ferreira. Expografia acessível: estudo de suporte expográfico com desenho universal. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.3, n.9, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/viewFile/9458/6204>. Acesso em: 28 set. 2020; SALASAR, Desireé Nobre. **Um museu para todos**: manual para programa de acessibilidade. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4390>. Acesso em: 30 set. 2020; TOJAL, Amanda P. da Fonseca. Política de acessibilidade comunicacional em museus: para quê e para quem? In: **Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. IV, n. 7, Out./Nov. 2015, p. 190-202. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16779/15061>. Acesso em: 28 set. 2020.

³ Sobre as questões que envolvem a conservação e os cuidados específicos com acervos, indico a leitura do livro: TEIXEIRA, Lia; GHIZONI, Vanilde. **Conservação preventiva de acervos**. Florianópolis: FCC, 2012. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/downloads/patrimonio-cultural/sistema-estadual-de-museus-sem-sc/2351-col-estudos-mus-v1-conservacao-preventiva-de-acervos/file>. Acesso em: 28 set. 2020.

Figura 4 - Exposição “Stockinger 100 anos”, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) (2019)



Fonte: Acervo particular da autora (2019).

Outro elemento expográfico que merece atenção são as cores. Seus usos atuam diretamente na percepção psicológica do visitante, ajudando a criar a atmosfera da exposição. As cores, além de impressionar a visão, são capazes de expressar emoções e de construir espaços (HELLER, 2013). Conforme afirma Ernst Neufert, a influência da cor sobre o ser humano “[...] acontece indiretamente através do efeito fisiológico, alargando espaços ou estreitando-os, e assim transmitindo sensações de opressão ou liberdade” (NEUFERT, 2013, p. 53). Por exemplo, partes pintadas de branco sempre parecerão maiores que superfícies escuras, pois a luz que refletem lhes dá amplitude.

As cores quentes (vermelho, amarelo, laranja) (Figura 5) devem ser usadas em ambientes que não recebem muita luz natural, pois aquecem e iluminam o espaço. Por sua vez, as cores frias (azul, verde, violeta) são

calmantes e suaves, transformando pequenos espaços em ambientes mais espaçosos (HELLER, 2013).

Figura 5 - Uso de cores quentes na expografia da exposição “O Rio do Samba: resistência e reinvenção”, no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR)



Fonte: Acervo particular da autora (2018).

Os textos são elementos expográficos que recebem grande destaque nas exposições. Eles devem ser curtos, relevantes ao interesse e motivações dos visitantes, acessíveis e agradáveis à leitura. Nesse sentido, é importante buscar um equilíbrio na expografia, não carregar visualmente a exposição de textos, nem a deixar totalmente sem eles. Isto posto, cabe salientar algumas recomendações, com base nos estudos de Angela Blanco (2009) e Luis Fernández e Isabel Fernández (2012):

- Evitar frases longas e complexas: o ideal são frases curtas e simples, que tenham em média **15 palavras** (a redução de palavras aumenta o poder de atração do texto).
- Sugestão: textos de **30-60 palavras** (em média 5 a 6 linhas).
- O **espaçamento entre linhas** tem que ser harmonioso, de forma que não resultem textos demasiados brancos ou pretos (efeito bloco).
- **Legibilidade**: atentar à escolha da fonte e seu tamanho, observando a altura e a distância entre o indivíduo e o texto.
- O maior **contraste** entre texto e cor se dá entre o branco e o preto. Sugestão: fundo branco e letra preta. Algumas combinações de cores podem dificultar o contraste e prejudicar a leitura dos textos (Figura 6).
- Evitar **legendas** coletivas (Figura 7): o ideal são legendas individuais, uma por objeto, situadas bem próximas a ele.

Figura 6 - Texto de abertura da exposição “Memórias indígenas no Museu do Homem do Nordeste” (fundo amarelo e letra cinza)



Fonte: Acervo particular da autora (2015).

Figura 7 - Uso de legenda coletiva em uma vitrine no Museu Histórico Nacional (MHN/RJ)



Fonte: Acervo particular da autora (2016).

Cada um dos elementos expográficos cumpre um papel essencial para o encadeamento das ideias que definirão o formato da exposição. Um aspecto a considerar em todo o processo é compreender que não existe neutralidade quando se trata de conceber, elaborar e planejar uma exposição: ela será sempre um ponto de vista, um recorte, carregada de proposições. A articulação desses diferentes elementos é que resultará na mensagem global da exposição, que será constantemente ressignificada pelo público (BLANCO, 2009).

Isto posto, é muito importante pensar a exposição e definir os seus elementos sob a ótica do público, ou seja, realizando estudos de avaliação⁴ prévios com o objetivo de identificar os anseios, as problemáticas e as discussões que fazem parte da comunidade em que a instituição está inserida. Assim, será possível oferecer ao público a oportunidade para um comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo) de interação e compreensão da proposta da exposição. Como afirma Marília Cury, “a exposição não tem importância por si só, mas sim pela interação entre museu (o autor), a exposição propriamente e o público” (CURY, 2005, p. 39).

⁴ Sugestão de leitura: MARTINS, Luciana Conrado *et al.* **Que público é esse?** Formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em: https://www.percebeeduca.com.br/files/uploads/downloads/download_4.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

3 As fases do processo de concepção e de montagem de uma exposição

Pensar a expografia das exposições é uma tarefa que exige, sobretudo, um trabalho intenso de pesquisa e de muitas discussões coletivas na instituição. São várias as etapas que englobam o processo de materialização de uma exposição, e esse processo precisa ser elaborado de forma coletiva e multidisciplinar.

Podemos estruturar o processo de concepção e montagem em etapas ou fases, como afirma Cury (2005). A autora organiza a divisão das fases em cinco momentos distintos, mas que se encontram diretamente interligados. Na Tabela 1, apresento as fases e seus objetivos principais:

Tabela 1 - Fases do processo de concepção, planejamento, montagem e desmontagem de uma exposição

FASES	OBJETIVOS
1. Planejamento e Ideia	Definição do tema e conceito(s); justificativa; objetivo geral e específicos; público-alvo; suporte científico (pesquisa); seleção dos objetos; concepção do espaço; estimativa orçamentária; cronograma de trabalho.
2. Fase de Design	Definição da forma e do circuito da exposição; elaboração de estudos em planta baixa e produção de maquetes; definição dos principais recursos expográficos, incluindo a linguagem de apoio [mobiliário, textos, imagens, sons, vídeos, réplicas etc.]; definição da identidade visual da exposição.
3. Fase de Elaboração Técnica	Definição e/ou criação de mobiliário específico para a exposição; solicitação de serviços terceirizados, técnicos; elaboração das peças gráficas (folder, cartaz, <i>flyer</i> , convite, banner, catálogo, etc.).
4. Fase de Montagem [Montagem fina e Montagem grossa]	Finalização da produção dos recursos expográficos: legendas, textos, painéis; instalação dos recursos; montagem grossa: pintura e limpeza do espaço, colocação de mobiliário; montagem fina: colocação do acervo, textos e demais elementos expográficos; abertura da exposição.
5. Fase de Manutenção, Atualização e Avaliação	Manter sempre uma boa apresentação da exposição, por meio de manutenção permanente; a atualização deve ser feita a partir de necessidades científicas ou comunicacionais; realização de estudos de público, a fim de coletar informações sobre a experiência do visitante; definir o período da desmontagem e organizar o cronograma com a equipe.

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir de CURY (2005).

Do planejamento à montagem, passando pela execução, desmontagem e avaliação, todas essas fases exigem comprometimento e responsabilidade social da equipe de profissionais, levando em consideração a relevância do tema, o público-alvo, a missão e a função social da instituição. Como afirma Marília Cury, “[...] cada profissional é responsável por um aspecto do êxito de uma exposição” (CURY, 2005, p. 114). Logo, o conteúdo e a forma devem responder tanto às demandas institucionais quanto às necessidades e expectativas comunicativas da sociedade.

Em vista disso, convido a pensar: quantas narrativas, quantas histórias, quantas conexões, quantos questionamentos, quantas reflexões, quantas realidades podemos propor por meio das exposições?

Sem dúvida, as exposições proporcionam uma diversidade de encontros, de trocas, de inquietações e de aprendizados, que extrapolam seu espaço físico. Como um importante meio de comunicação e como produto cultural, a exposição, por meio de sua expografia, deve apresentar informações científicas de forma acessível ao público, bem como escolher elementos expográficos que sejam igualmente inclusivos e de fácil compreensão.

Referências

BLANCO, Angela G. **La exposición, un medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

D’ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. **Exposição: materiais e técnicas de montagem**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

DAVALLON, Jean. Comunicação e Sociedade: pensar a concepção da exposição. In: **Museus e comunicação: exposição como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010, p. 17-34.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GUARNIERI, Waldisa. Exposição: texto museológico e o contexto cultural (1986). In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010, p. 137-143.

FERNÁNDEZ, Luiz Alonso; FERNÁNDEZ, Isabel García. **Diseño de exposiciones**: concepto, instalación y montaje. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as emoções afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.